

**CONSTRUCIONALIZAÇÃO DE FORMA/FUNÇÃO
COM O PRONOME *A GENTE*: UMA ABORDAGEM SOB A
ÓTICA DA LINGÜÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO**

Artur Ezequiel Rodrigues Correia (UESB)

arturezequielrc@gmail.com

Valéria Viana Sousa (UESB)

valeria.viana.sousa@uesb.edu.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo explicitar o que determinou a construcionalização de *a gente* (artigo + substantivo), expressão cristalizada na construção pronominal de primeira pessoa *a gente* no português brasileiro. Diante disso, ancorados à Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), objetivando investigar as construcionalizações de forma-função instanciadas pelo pronome *a gente* no português brasileiro, utilizando o *Corpus* Linguístico de Iboara-BA. Teoricamente, o estudo levará em conta a Linguística Baseada no Uso por concebermos que há fatores sintático- semânticos e discursivo-pragmáticos que juntos à cognição humana favoreceram a mudança de (*a*) *gente* (categoria de substantivo) para *a gente* (categoria de pronome). E do ponto de vista metodológico, os dados de fala foram codificados e analisados qualitativa e quantitativamente; utilizamos o programa estatístico Anticonc a fim de obtermos a frequência de ocorrência de *a gente*, bem como sua frequência de tipo, através dos fatores: (a) esquematicidade, (b) produtividade e (c) composicionalidade.

Palavras-chave:

Construcionalização. *A gente*. Linguística Funcional Centrada no Uso.

ABSTRACT

This work aims to explain what determined the constructionalization of *a gente* (article + noun), expression crystallized in the pronominal construction of first person *a gente* in Brazilian Portuguese. Given this, anchored to the Usage-Centered Functional Linguistics (LFCU), aiming to investigate the form-function constructionalizations instantiated by the pronoun *a gente* in Portuguese Brazilian, using the Iboara-BA Linguistic Corpus. Theoretically, the study take into account Usage-Based Linguistics because we understand that there are factors syntactic- semantic and discursive-pragmatic that together with human cognition favored the change of (*a*) *gente* (noun category) to *a gente* (pronoun category). And from a methodological point of view, the speech data be coded and analyzed qualitatively and quantitatively; we use the program Anticonc statistician in order to obtain the frequency of occurrence of *a gente*, as well as its type frequency, through the factors: (a) schematicity, (b) productivity and (c) compositionality.

Keywords:

Constructionalization. *A gente*. Usage-Centered Functional Linguistics.

1. *Introdução*

Neste trabalho, sob o viés da Linguística Funcionalista que tem como objetivo observar a função que os elementos linguísticos desempenham no ato comunicativo, teoria que compreende a língua como um mecanismo flexível, dinâmico e sensíveis às pressões de uso, investigamos o uso do “a gente”. Nesse sentido, no momento da interação discursiva, os falantes se apropriam das diversas possibilidades da língua em uso e a utilizam na interação social para expressar suas intenções, sentimentos e ideias. Desse modo, observamos que o sistema linguístico, constantemente, adapta-se ao processo de mudança, transformação e inovação.

À vista disso, devido à constante criação de novas construções por meio de novas formas e de novas funções que vão se formando e se convencionalizando na língua, o nosso estudo, diante dessa compreensão de língua, tem como objetivo investigar as construcionalizações de forma-função instanciadas pelo pronome *a gente* no Português Brasileiro. Ademais, para a realização desta pesquisa está pautada à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), teoria que lança o olhar para o funcionamento da língua em uso, selecionamos o *corpus* Linguístico de Ibi-coara-Ba (CLIBA), já que esse *corpus* representa a materialização espontânea da língua em uso falada pelos falantes no contexto de interação social.

O presente artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: após esta *Introdução*, na seção 2, intitulada *Linguística Funcionalista Centrada no Uso*, abordamos alguns princípios e conceitos da perspectiva adotada. Em seguida, na seção 3, *Corpora da pesquisa*, descrevemos os *corpora* utilizados. Posteriormente, na seção 4, *Análise e discussão dos dados*, expomos, de maneira breve, a análise dos dados e na seção 5, apresentamos as *Considerações finais*, seguidas das Referências Bibliográficas.

2. *Linguística Funcional Centrada no Uso*

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é uma perspectiva que se constrói, atualmente, do diálogo da Linguística Funcionalista Norte-Americana (representada por Talmy Givón, Paul Hopper, Elizabeth Traugott e Joan Bybee) com a Linguística Cognitiva (nos moldes de

George Lakoff, Ronald Langacker e William Croft, entre outros) e com a Gramática de Construções (modelo desenvolvido por Adele Goldberg e de William Croft). Hodiernamente, no Brasil, essa tendência teórica se encontra nos estudos de Martelotta (2011), Cezario e Furtado da Cunha (2013), Rosário e Oliveira (2015). Fruto desse diálogo, a Linguística Funcionalista Centrada no Uso é uma abordagem teórica que depreende o uso linguístico como resultante das motivações advindas de distintas instâncias: as estruturais, as cognitivas e as socioculturais (Cf. OLIVEIRA, 2015).

O sistema linguístico, na LFCU, é entendido como um meio que reflete a necessidade comunicativa do falante, uma vez que é, por meio da língua em uso, que os interlocutores relatam os acontecimentos, influenciam e são influenciados em uma troca (inter)subjettiva alicerçados em contextos reais de interlocução e expressam as suas vontades. Com isso, a língua e a mudança linguística estão relacionadas e a gramática, segundo Hopper (1987), é considerada emergencial, já que o funcionamento da língua capta o caráter provisório, transitório e fluído da estrutura da língua que está sempre suscetível de negociação na interação entre os interlocutores. Desse modo, a gramática é vista como mutável e social, pois é fruto daquilo que emergiu durante o discurso.

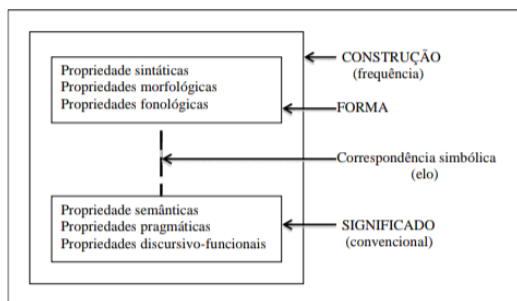
Sob essa perspectiva, com o diálogo estabelecido entre a Linguística Funcionalista norte americana e a Linguística Cognitiva, a Linguística Funcionalista incorpora, ao seu quadro teórico, alguns aspectos da Gramática de Construções. Nesse sentido, a gramática é tomada, em uma perspectiva construcional, como pares de forma e significado. Assim, a língua é, pois, definida como um conjunto de construções que se interconectam específicas e hierárquicas, compondo a arquitetura interconectada, em que tanto aspecto de forma quanto de significado são levados em consideração na análise linguística.

Nessa direção, nos finais da década de 80, a Gramática de Construções surge, quando Fillmore (1988), averiguando algumas estruturas linguísticas, percebeu que o falante possui um conhecimento capturado por esquemas simbólicos, os quais possuem uma ancoragem idiossincrática. Com isso, cabe acentuarmos que, segundo Fillmore, Kay e O'Connor (1988), essa perspectiva, ancorada na relação de cognição e uso, parte da ideia de que construções gramaticais complexas possuem as mesmas propriedades semânticas e pragmáticas que itens lexicais. Assim, o falante não tem noção apenas do item, no entanto das construções

que se moldam através da frequência como um pareamento de forma-sentido.

Segundo Bybee (2016 [2010]), construção, por sua vez, é vista como um conjunto de construções que configura o inventário da língua; por outro lado, Croft (2001), organiza a construção por dois eixos centrais: forma e sentido, visto que propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas estão para os aspectos da forma, enquanto os aspectos do sentido são compostos pela semântica, pragmática e propriedades discursivo-funcionais, os quais são ligados por um elo de correspondência simbólica interconectada, integrada e vinculada proposto por Croft (2001) que é arquitetada da seguinte forma.

Figura 1: Modelo de estrutura simbólica da construção radical.



Fonte: Croft (2001).

Ao observarmos o quadro proposto por Croft (2001), percebemos que as propriedades são correlacionadas, uma vez que essa proposta se propõe a considerar o vínculo correspondente entre cada propriedade dos eixos da forma e do sentido. Assim posto, ressaltamos que a língua é um conjunto de construções, a qual se constitui das correlações forma-sentido (Cf. BYBEE, 2016 [2010]) e se organiza hierarquicamente em formato de rede em que os nós são interconectados por elos os quais permitem que as construções sejam estabelecidas de maneira hierárquica e contínua (Cf. LANGACKER, 1987).

Sob esse prisma, segundo Traugott e Trousdale (2013), ao refinar os conceitos de Croft (2001) defendem, em uma perspectiva diacrônica, que a língua é formada por um pareamento de forma e função a partir de um inventário de construções. Em linhas gerais, as construções são consideradas no âmbito da LFCU, como unidades simbólicas convencionais (Cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), uma vez que, para os autores,

há cinco princípios gerais que são fundamentados nos modelos teóricos que consideram a abordagem construcional, a saber: i) a construção é a unidade básica da gramática, visto que consiste em um pareamento convencional entre forma e sentido; ii) a estrutura semântica está relacionada à estrutura sintática; iii) a língua é composta por uma rede de nós e ligações de ligações, dado que esses nós compõem a estrutura hierárquica; iv) a estrutura da língua é determinada pelo uso da língua e v) a variação linguística pode ser explicada através dos processos cognitivos de domínios gerais, de acordo com Bybee (2016).

Sob esse viés, cabe-nos, agora, considerar, com base nos estudos de Traugott e Trousdale (2013), que existem três fatores de construcionalidade, a saber: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Consoante apregoa Traugott e Trausdale (2013), a esquematicidade pode ser definida como uma generalização taxonômica que aponta para padrões de experiências rotinizados, posto que há abstrações inconscientemente percebidas pelos falantes, em razão delas se originarem das diversas construções da língua.

No que concerne à produtividade, segundo os autores, fazemos referência à questão da frequência, assim como acontece na esquematicidade, a produtividade também é um fator gradiente. Com isso, segundo Bybee (2003), na abordagem construcional a distinção entre frequência de tipo *type* (padrão), que indica a quantidade de construções que possui uma determinada estrutura, designando se será um esquema produtivo ou não e a frequência *token* (ocorrência), que diz respeito à quantidade de vezes que uma construção aparece em um *corpus* de investigação. Por fim, temos a composicionalidade que, para os autores, é um fator que faz referência ao grau de transparência entre propriedades da forma e da função no nível da construção.

Como vimos até aqui, há uma relação estreita entre forma e sentido, visto que a vertente em análise determina que a língua é formada por um inventário de construções. Sendo assim, segundo (BYBEE, 2016 [2010]), essa estreita relação configura-se como um conjunto de construções, que se organiza como uma rede de nós que são as relações taxonômicas que uma construção possui com outras. Destarte, vale dizer que construções mais específicas estão ligadas a construções mais abstratas em uma rede interconectada.

Diante do exposto, é interessante ressaltar que, em situações de interações discursivas, os falantes criam novas formas e novos significa-

dos o que certifica a mudança constante no sistema linguístico. Assim, a mudança linguística é um processo inerente à língua, uma vez que devido ao uso se encontra em processo constante de evolução e mutação. Nesse sentido, alinhados ao que postula Traugott e Trousdale (2021 [2013]), a mudança linguística resulta de dois processos: a construcionalização e as mudanças construcionais.

Definem-se como construcionalização, segundo Rosário e Oliveira (2016), como a construção de pares de forma nova com função (significado) nova. Em outras palavras, o processo de construcionalização acontece quando há criação de novas unidades, ou seja, novas estruturas e novos significados, em contexto de uso, são formados.

De acordo com o pensamento dos autores, definem-se como mudanças construcionais as alterações que afetam os traços ou características de construções já existentes. Desse modo, podem se dar no nível da forma ou do sentido, sendo que as mudanças ocorrem a partir do uso linguístico, e nem sempre levam a criação de novas construções. Para além dessas mudanças linguísticas, Lopes e Rosário (2017) propõem, também, a construcionalidade para as investigações sincrônicas.

Na próxima seção, discorremos sobre o *corpus* da pesquisa.

3. *Corpus da pesquisa*

Para a realização desta pesquisa, recorreremos aos dados reais da língua em uso, posto que os elementos linguísticos são moldados, adaptados, compartilhados e criados pelos falantes em distintas interações de uso.

A partir dessa orientação metodológica, com o intuito de buscar ocorrências empiricamente testáveis, dado que essas ocorrências da língua em uso refletem maior expressividade linguística, selecionamos, para amostras da presente pesquisa, os dados sincrônicos extraídos do *corpus* Linguístico de Icoara-BA (CLIBA).

Metodologicamente, o *corpus* observado é fundamentado em orientações teórico-metodológicas da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), é composto por 36 (trinta e seis) entrevistas, estratificadas nas variáveis: sexo (masculino e feminino); faixa etária (FI:15 a 25 anos, FII:26 a 50 anos e FIII: +de 50 anos); e escolaridade (até cinco anos de escolaridade, ensino fundamental completo e número igual ou superior a 11 anos de escolaridade).

Assim posto, buscamos, *no corpus*, (CLIBA), as ocorrências em que *a gente* aparece ainda em sua forma mais composicional. A partir desse *corpus*, buscamos encontrar dados que sejam relevantes para nossa pesquisa. A análise empreendida neste trabalho, por conseguinte, baseia-se em um método misto (Cf. CUNHA LACERDA, 2016). Por outro lado, mapearemos as ocorrências que se mostram já construcionalizadas, analisando, assim, por meio da frequência *token*, todas as ocorrências do *a gente* como um pareamento de forma-função, além de verificar a frequência *type* que diz respeito às classificações e aos tipos do *a gente*.

Assim, veremos, na próxima seção, brevemente, a análise dos dados, como as inovações que emergem no fluxo da interação estão, de fato, se regularizando/padronizando na língua em uso como construções empiricamente testáveis.

4. *Análise e discussão dos dados*

Nossa pesquisa está fundamentada teoricamente nos pressupostos da Gramática de Construções, mais especificamente, na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Como descrevemos, essa abordagem considera a análise de modelos tendo em vista a língua em uso. Ao observarmos o Português Brasileiro, constatamos que a variação e a mudança, motivadas por fatores linguísticos, por mecanismos cognitivos e por fatores extralinguísticos, expõem o caráter adaptativo e flexível do sistema linguístico, o qual é utilizado pelo homem em situações comunicativas naturais e espontâneas. Ancorados a essa percepção, salientamos que os fenômenos da língua surgem das pressões de uso e, por isso, não podem ser compreendidos fora do contexto (social, cultural e cognitivo) em que os falantes estão envolvidos (Cf. CEZÁRIO; VOTER, 2018).

Partindo do princípio de que a variação e a mudança linguística são inerentes à língua portuguesa falada no Brasil, constatamos que os elementos linguísticos, cognitivos, contextuais e sociais são fatores que contribuem para a evolução (mudança), transformação e o surgimento de novas construções no sistema linguístico.

Assim, reconhecemos a língua em situação de uso, já que exposta a diversos contextos de interação discursiva revela sua flexibilidade, dinamicidade e a sua emergencial idade, contribuindo, assim, para que as propriedades linguísticas sigam constante inovação, transformação e mutação. Para compor discussões a esse respeito, tomamos, por exemplo, o nosso objeto de estudo, uma vez que o *a gente* constantemente passa por

processo de mudanças e inovações quando inserido em distintos contextos comunicativos.

No processo de análise atestamos uma relevante produtividade do pronome *a gente* no vernáculo Ibicoarense. Vejamos a Tabela 1:

Tabela 1: Frequências *Type* e *Token* do *a gente*.

Frequência <i>Type</i>	Frequência <i>Token</i> %
a gente: "eu" + (não-pessoa)	34/ 10,9%
a gente: "eu" + (pessoa+não pessoa)	49/ 19,8%
a gente: "eu"+(pessoa)	75/ 23,7%
a gente: "eu"	40/13,4%
a gente: Genérico = "eu" + (qualquer indivíduo)	66/ 20,3%
a gente: Indeterminação do Sujeito= "eu" +você+ eles (grau máximo de indeterminação)	87/ 25,7%
TOTAL: 6	TOTAL: 351

Com base nos dados encontrados na Tabela 1, atestamos uma relevante produtividade do pronome *a gente* no vernáculo ibicoarense, a saber: (i) a frequência *type*, que diz respeito a instanciações de novas construções, com 6 (seis) variações; e (ii) a frequência *token*, que diz respeito ao uso desses constructos na língua em uso, com 351 (trezentas e cinquenta e uma) ocorrências.

Nesse ponto, faz-se necessário mostrar alguns exemplos dos usos efetivos da língua em uso retirados do *Corpus* Linguístico de Ibicoara (CLIBA) a fim de comprovarmos o processo de construcionalização. Vejamos, a seguir, os dados coletados e classificados a partir de Borges (2004):

Baixo grau de pessoalização: Quando o *a gente* faz referência a um “eu” + outra pessoa (ausente no discurso, ou seja, diferente do ouvinte), uma “não-pessoa”.

(1) INF: “Aí ela não veio me visitá, depois que ela veio morá aqui. *A gente* tava morando lá na roça, *a gente* mudô pra aqui tem uns dois meses (...).” (E. L. A. CLIBA)

Médio grau de pessoalização: Quando *a gente* faz referência a um “eu” + “tu/você” (“pessoa”) + outro(s) indivíduo(s) (“não-pessoa”).

(2) INF: “ Já que *a gente* vai mesmo ficar aqui a noite toda, achei que era melhor fazer um churrasco aqui no sítio. De paradeiro basta essa cidade lá fora, não é?! Vamos comemorar, uai. (E.R.D. CLIBA)

Alto grau de pessoalização: Quando, na fala do informante, é possível notar que *a gente* está sendo utilizado para fazer referência a um “eu” + “tu/você” (“pessoa”).

(3) INF “*A gente* pode, pode ir na festa à noite se você quiser, é (...).” (F. N. A. S. CLIBA)

Mais alto grau de pessoalização: Quando *a gente* significa puramente “eu”; desse modo, é considerado o mais alto grau de pessoalização. Ademais, também é conhecido como plural de modéstia, já que atenua a afirmação muito marcada de ‘eu’ numa expressão mais ampla e difusa. Desse modo, percebemos que o uso do pronome *a gente* é bem próximo ao uso “genérico”, descrito anteriormente. A escolha do uso de *a gente* ao invés do “eu”, serve como uma forma de atenuar o envolvimento ou a noção de exclusividade do pronome ‘eu’. Do mesmo modo, com este uso de *a gente*.

(4) INF: “... fiquei muito tempo pra baixo quando meu namorado me largou. Passei três anos sem sair; hoje sim, hoje saio a tudo, vou a tudo, porque *a gente* tem que aproveitar a vida já, não é?” (A. S. S. CLIBA)

Genérico: Quando observamos que o *a gente* refere-se a um “eu” + qualquer outro indivíduo, tanto “pessoa” quanto “não-pessoa”. De fato, é possível perceber que *a gente*, no exemplo, tem um significado genérico na frase, com sentido de “qualquer pessoa” o que inclui, certamente, o falante; não é necessário que seja sempre “eu + qualquer outro”; não é necessário sequer que seja mais de uma pessoa a sair.

(5) INF: “(...) não acontece quase nada aqui em Ibicoara, mas olha eu prefiro a zona rural assim porque... ah, assim é muito bom, *a gente* pode saf na rua, não ter preocupação de ser assaltada, né? Na cidade é muita violência” (S. V. A. CLIBA)

Indeterminação do Sujeito: Quando o caráter genérico e globalizante em que o *a gente* assumido no exemplo faz referência a um grupo de pessoas [+ampliado] primeiramente, envolve um núcleo da família de C. B. S. e, em seguida, a referência é à família ampliada de C. B. S. na qual os pronomes pessoais estão sendo empregados pelos usuários da língua como um recurso que serve como ampliação do eu.

(6)INF: Olha **a gente** assim sempre viajô pra Itaetê que por conta.. porque temos tio lá então geralmente algum... nós nos reunimos minha família pai e mãe e alguns tios {INIT} é sempre bem divertida **a gente** mata a saudade e bate resenha é bem legal e também teve viagens à praia que também foram bem legais desde peque... de muito pequena... pequena não que pequena eu sou até hoje, né, {risos} desde criança bem criancinha mesmo **a gente** vai pra praia... (C. B. S. CLIBA)

Com isso, podemos afirmar que há um processo de construcionalização ocorrendo com o pronome *a gente*, no qual há a criação de um novo pareamento de forma e função, conforme descrito por Traugott e Trousdale (2013).

5. Considerações finais

O presente artigo mostrou, à luz dos estudos que consideram a língua em uso, a partir da análise das ocorrências, que o pronome *a gente* é produtivo, uma vez que, quando inseridos em processos comunicativos, passa por processo de mudança linguística constantemente.

À luz da teoria que versa sobre a funcionalidade da língua, a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a presente pesquisa revela o processo de mudança linguística do pronome *a gente*, posto que migra de uma categoria representacional (substantivo) para uma categoria pronominal *a gente*. Desse modo, quando a construção passa a ser formada por um artigo *a* + *gente*, está perde o seu caráter mais composicional, isto é, a semântica da construção não é mais o resultado da soma das partes que a compõem.

Diante do exposto, foi possível constatar, nesta pesquisa, que a gradiência é responsável pela mudança que levou ao surgimento desse pronome no vernáculo Ibioarense. Antes da construcionalização, esse elemento concorria com os pronomes aquela (aquela gente), toda (toda gente), minha (minha gente), contudo, após passar pelo processo de mudança, o uso com *a gente* se fixou, levando à perda do seu valor de determinante, nesse caso, artigo.

Posto isso, pudemos comprovar, com esta pesquisa, que o ouvinte analisou a forma *a gente* (artigo + substantivo) de maneira distinta (neonálise) do sentido de coletivo de pessoas e espalhou o novo uso entre os falantes de um grupo social, levando à formação de uma nova palavra e mudança de categoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Paulo R. S. A pessoalização do pronome a gente sob a perspectiva da Teoria da Sociolinguística Variacionista. *Letras de Hoje*, v. 39, n. 4, Porto Alegre, p. 163-72, dezembro, 2004.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, v. 12, n. 1, p. 83-101, Rio de Janeiro, 2016.

FILLMORE, C. J; KAY, P.; O'Connor, C. Regularity and idiomacity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, v. 64, p. 501-38, [S.l.], 1988.

GOLDBERG, A. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HEINE, B; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago: The University of Chicago Press, 1991. 276p.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. *Proceedings of the Berkeley Linguistics Society*, v. 13, p. 139-57, 1987.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Standford: Standford University Press, 1987a. v. I.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. de Mara Sophia Zanotto. Campinas-SP. Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002 [1980].

OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (Orgs). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015. p. 22-35

ROSARIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)*, v. 60, p. 233-59, 2016.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

_____; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.